

## FRANCESES NO BRASIL: AS IDÉIAS DO SÉCULO XIX, HÁBITOS E COSTUMES NA PROVÍNCIA DE PERNAMBUCO (1840-1850)<sup>1</sup>

THE FRENCH IN BRAZIL: THE IDEAS FROM THE 19TH CENTURY, HABITS AND CUSTOMS IN PERNAMBUCO PROVINCE (1840-1850)

Marcília Rosa Periotto<sup>2</sup>

### Resumo

É um estudo sobre a presença francesa no Brasil na primeira metade do século XIX. Entre os franceses de notabilidade encontrados na história pernambucana encontra-se Louis Léger Vauthier, engenheiro francês chegado ao Recife no ano de 1840, contratado para modernizar a capital da província pelo presidente Francisco do Rego Barros. No tempo em que permaneceu no Brasil foram registradas por Vauthier as impressões colhidas na observação do cotidiano provincial, as expectativas em relação à inhospita terra e os desconcertos diante de uma vida teimosamente singela, senão mesquinha, num diário intitulado postumamente *Diário Íntimo do Engenheiro Vauthier*. Esse documento traz um relato minucioso da vida social de Recife e, de maneira geral, das relações que vigoravam no Império brasileiro, cercadas ainda pela herança colonial, além de traçar um painel minucioso do modo de viver e agir das camadas sociais menores, ou seja, os homens pobres e livres e os escravos, libertos ou não. É um estudo realizado na perspectiva da história da educação na medida em que objetiva demonstrar que a presença de Vauthier em Pernambuco contribuiu na adoção de hábitos civilizados requeridos pela elite local, que via nos modos franceses o modelo ideal de educação.

**Palavras-chave:** Louis Léger Vauthier. Pernambuco. Educação. Brasil- Século XIX.

### Abstract

This is a study about the French presence in Brazil during the first half of the 19<sup>th</sup> century. Among the notable French found in the history of Pernambuco is Louis Léger Vauthier, a French engineer who arrived in Recife in 1840, hired by the president Francisco do Rego Barros to modernize the capital of the province. During his time in Brazil, Vauthier registered in a diary his impressions collected from observations of the province everyday life, the expectations in relation to the inhospitable land and the moments of discomfort before such a stubborn simple life, not to say a petty life. This work was posthumously titled *The Personal Diary of the Engineer Vauthier*. The document provides a detailed account of Recife social life, and more generally, it communicates the existing relations in the Brazilian Empire, still surrounded by the colonial heritage, besides drawing a detailed picture on the way of living and acting of the lower social strata, that is, of free and poor men and of slaves, freed or not. It is a study developed from the perspective of the history of education in that it aims to demonstrate that the presence of Vauthier in Pernambuco contributed to the adoption of civilized habits then required by the local elite, who saw the French manners as an ideal model of education.

**Key words:** Louis Léger Vauthier. Pernambuco. Education. Brazil – 19<sup>th</sup> Century.

## INTRODUÇÃO

Em 1841, ao assumir a presidência da província pernambucana, Francisco do Rego Barros, membro de uma das mais poderosas e temidas famílias de Pernambuco, “[...] inaugurou

uma nova política de obras públicas e ofícios úteis à comunidade, importando técnicos estrangeiros para trabalhar no Brasil” (CHACON, 1965), adotando um plano de modernização da cidade do Recife. Para colocá-lo em prática convidou o jovem Louis Léger Vauthier, engenheiro formado

<sup>1</sup> A discussão presente neste artigo é parte do texto apresentando ao IX CIHELA- Congresso Ibero-Americano de História da Educação Latino-Americana, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2009, Rio de Janeiro.

<sup>2</sup> Doutora em História da Educação pela Universidade Estadual de Campinas- SP. Professora do Departamento de Fundamentos da Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá- PR

na Escola Polytechnica de Paris, a vir ao Brasil e assumir a chefia do Serviço de Obras Públicas da Província de Pernambuco. A intenção era deixá-la com um traçado urbano mais exequível às necessidades do comércio e da população em geral e construir obras assemelhadas às edificações européias, projeto iniciado alguns anos antes por João Bloem, um engenheiro alemão “[...] cheio de furor reformista; talvez excessivo no sentido de europeização da velha cidade do conde Mauricio.” (FREYRE, 1940).

A tarefa confiada a Vauthier e aos técnicos que o acompanhavam resultou em melhorias significativas para a capital provincial, mas dentre os empreendimentos realizados por Vauthier sobressaem os registros escritos ao longo da sua estadia de seis anos em Pernambuco, deixados no diário em que anotava as impressões sobre os hábitos e comportamentos cotidianos dos recifenses, marcados por comentários críticos sobre as cenas presenciadas durante os passeios realizados nas cercanias de Recife e, sobretudo, as ideias políticas e sociais que trouxe na bagagem, contribuintes que foram na elaboração de um pensamento voltado ao debate sobre as condições materiais e sociais vivenciadas no Brasil naquele período, fato que denota a importância do engenheiro francês no processo de politização dos pernambucanos e, em decorrência, no enfrentamento entre as forças políticas locais.

Os relatos feitos por viajantes estrangeiros sobre as condições gerais do Brasil consentem traçar um quadro detalhado da vida urbana e rural do século XIX, cujos resultados das transformações sociais características do período deixaram marcas nas províncias mais desenvolvidas influenciando a adoção de costumes assemelhados aos dos europeus, evidenciando a necessidade de civilizarem-se os modos de convivência social moralizando-se os hábitos, tendo em vista a iminência da entrada de relações progressistas burguesas em substituição ao modo colonial.

Os escritos da lavra dos viajantes estrangeiros, sobretudo, os que circularam pelo Brasil na primeira metade do século XIX, registraram a dinâmica social à época, as possibilidades que a fauna e flora exuberante permitiam na extração e produção de riqueza, os eventos políticos condutivos da vida pública acerados pelos conflitos intermitentes entre partidos opostos, entre outros fatos políticos e pitorescos de envergadura também acentuada

conduzem, na opinião de Aquino, a “[...] uma interpretação menos parcial dos fenômenos”, na medida em que os viajantes estiveram “mais distanciados culturalmente de nós [...] e após a Independência, menos sujeitos à exacerbação de ânimos que se seguiu àquele evento.” (AQUINO, 1980, p. 21).

O *Diário* de Louis Léger Vauthier é uma fonte valiosa para a compreensão dos fenômenos da época – econômicos e político-sociais brasileiros – escritos nos termos próprios a uma consciência forjada em concepções sociais sorvidas das condições de desenvolvimento europeu, especialmente a França, que Vauthier tão bem conhecia.

### A REDESCOBERTA DE VAUTHIER

Gilberto Freyre resgatou o engenheiro francês do esquecimento quando ganhou do amigo escritor Paulo Prado, numa “amável lembrança”, os manuscritos do diário de Vauthier que esse havia adquirido em Paris. Freyre já sabia da existência do engenheiro francês desde a realização de pesquisas sobre a imprensa pernambucana, especialmente da sua participação na revista de Antonio Pedro Figueiredo, *O Progresso (1846-1848)*, na qual publicou alguns artigos.

Com o material obtido na pesquisa e de posse do *Diário*, publicou, respectivamente, em 1940, pela Editora José Olympio, os livros *Um engenheiro francês no Brasil*, onde apresentou os resultados das suas pesquisas sobre o Recife e seus personagens à época, e o *Diário íntimo do engenheiro Vauthier*, no qual organizou os escritos do engenheiro.

No *Diário* encontram-se registradas as impressões do engenheiro sobre a cidade do Recife, dos habitantes, do cotidiano da vida provincial, extensiva aos brasileiros, em geral e, em especial, as experiências vivenciadas num país em que tudo era traçado com a pena da morosidade e da intolerância com os estranhos ao meio social. Na opinião de Freyre, abalizada por um contato intenso com aquele escrito e com a história social e política que o explicitou, a publicação do diário do engenheiro francês

[...] interessa particularmente à história da arquitetura, da arte de construção civil e da administração de obras públicas em nosso país. É, ao mesmo tempo, um

depoimento sobre a vida brasileira na primeira metade do século passado, a que não falta sinceridade, o calor humano, a nota confidencial e até indiscreta dos bons diários [...] É material novo e bom para o estudo da nossa vida naquele período, observada em alguns aspectos mais característicos por um estrangeiro ilustre [...]. (FREYRE, 1940, p. 8-9).

O *Diário* e as situações vividas pelo engenheiro na capital provincial tornaram-se públicos em razão do esforço realizado por Freyre ao atender solicitação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico do Ministério da Educação e Saúde para elaborar notas “[...] que fossem precisas para esclarecer a atividade do engenheiro francês nos seus seis anos de Brasil.” (FREYRE, 1940). Ao aceitar essa incumbência, Freyre perscrutou a história vivida por Vauthier no Brasil, além dos pormenores circunscritos ao seu diário, pesquisando jornais da época, documentos, papéis oficiais relativos “a orçamentos de projetos de obras e outros papéis burocráticos”, em “diários públicos da época”, na busca de pistas que conduzissem aos fatos vividos e vistos pelo francês em Pernambuco:

Menos interessado no estudo puramente histórico de fatos que no histórico-social e, quanto possível, sociológico, de processos, na tentativa de reconstituição da figura de Vauthier, tal como ela se projetou sobre o meio brasileiro, procurei ver principalmente o que essa atuação teve de característico da influência de uma cultura nítida, definida, adiantada – no caso, a francesa dos princípios do século XIX considerada de preferência nos seus aspectos menos grandiosos e mais quotidianos – sobre uma cultura incipiente e ainda verde: a brasileira da mesma época, igualmente considerada de preferência naqueles aspectos menos ilustres. (FREYRE, 1940, p.9).

Os artigos de Vauthier, a animosidade constante endereçada à sua pessoa por parte dos antigos construtores recifenses e políticos da oposição que atacavam a qualquer pretexto o governo conservador, e também por aliados de Rego Barros enciumados da presença e atenção dispensada pelo presidente provincial ao engenheiro, deixam entrever que sua presença superou o cumprimento da tarefa de projetar e

construir obras públicas ao envolver-se com a difusão das ideias socialistas francesas e participar ativamente do debate político-intelectual que propugnava por reformas sociais e políticas capazes de promover o progresso social e econômico na província.

As opiniões tecidas no *Diário* são importantes para a história social no Brasil na medida em que suas observações explanam as condições de vida da população brasileira, os conflitos que animavam a cena social e política e os esforços envidados na construção do Estado nacional, traduzidos pelas lutas aferradas entre liberais e conservadores.

É lícito admitir que nas capitais das províncias e em algumas cidades do interior existiam aqueles indivíduos propensos a introduzirem melhoramentos estruturais com intuito de alcançar certo ar de progresso como os das cidades européias, no entanto, e em oposição ao desejo de modernização ao menos física das cidades e vilas, nos recôndito dos lares se percebia o decorrer de uma vida cotidiana vagarosa, abalada quando então as influências estrangeiras principiaram a adentrar nas casas impregnadas das velhas práticas coloniais e imersas numa dinâmica em que praticamente nada se admitia além dos hábitos religiosos e da fé incontestada na palavra divina, cujos habitantes femininos, viviam uma existência de recolhimento e solidão.

O material adquirido por Freyre, não sem dificuldades de toda ordem como, por exemplo, uma primeira negação de acesso ao Arquivo Público e “embaraços tais” no Arquivo da Secretaria de Viação de Obras Públicas, a ponto de ter que abandonar a pesquisa naquele local (FREYRE, 1940), não esmoreceu o seu empenho em juntar tudo que contribuísse para a composição de um painel histórico-social que lançasse luzes à empreitada de explicitar Vauthier num contexto de convulsões sociais e políticas e, ao mesmo tempo, demonstrar as influências que havia exercido naquele quadro.

Resultado do esforço investigativo de Freyre, o livro que acompanha a publicação do *Diário* e na qual enfoca um Vauthier concatenado com a realidade da província, com seus problemas e conflitos, abriu portas para estudos que apontam para fontes historiográficas ainda carentes de análise, e quiçá, para novos descobrimentos, ao mesmo tempo em que leva à compreensão mais aprofundada do quadro político-partidário, no qual a Rebelião Praieira (1848), luta encarniçada entre

liberais e conservadores pelo mando provincial e ápice dos conflitos que perduraram durante anos em Pernambuco, foi crucial na conciliação política que sobreviria à desordem político-social característica ao primeiro meado do século XIX.

### VAUTHIER NA CIDADE DO RECIFE

*Um engenheiro francês no Brasil* e o *Diário íntimo do engenheiro Vauthier*, um escrito e o outro organizado por Gilberto Freyre, recolocaram em cena uma das figuras que tributou esforços para difundir uma visão de progresso egressa dos centros desenvolvidos e que comprovam com base em pesquisa documental e fontes históricas as mais diversas, entre elas a imprensa, a intensa participação do engenheiro no cotidiano político-social da província pernambucana, erigindo-o ao papel de divulgador do socialismo utópico francês no Brasil e das ideias circunscritas a esse pensamento naquele meado de século.

Desde a sua chegada, cercada de intensa polêmica promovida pelos interesses atingidos dos construtores da província e dos decepcionados com o engenheiro Boyer, construtor que viveu em Recife entre 1840 a 1850, pessimamente afamado, acusado de ter feito obras que logo precisavam de reparos (FREYRE, 1940), Vauthier, até os últimos dias da sua estadia em Recife, atuou de modo a provocar resultados práticos aos aportes feitos no campo da engenharia e no domínio de um pensamento social que agitava a Europa em período conturbado de lutas entre a burguesia e o proletariado.

A bagagem do engenheiro francês continha muito mais que saberes técnicos referentes à construção de pontes, prédios e estradas. Adepto das ideias socialistas elaboradas na vertente da utopia, como a denominou o socialismo científico de Marx e Engels, Vauthier permitiu o acesso de brasileiros aos intelectuais expoentes desse tipo de pensamento que pregava a busca por uma sociedade harmoniosa, e na qual os homens, tomados por um sentimento constante de progresso social, junção do avanço material com a observação estrita de melhores condições de vida para todos, aboliriam de vez as diferenças sociais e implantariam sociedades no qual vigoraria um forte elo entre os indivíduos, sem distinções sociais de qualquer espécie.

A história brasileira e, especificamente a dos pernambucanos, liga-se aos franceses por fortes laços. Em vários campos do conhecimento os

franceses proporcionaram contribuições que alteravam não só o modo de viver dos brasileiros como também a forma de pensar os problemas nacionais. A curta estadia do engenheiro Luis Léger Vauthier não foi impedimento para que se marcasse o pensamento social produzido em Recife com ideias inovadoras para o Brasil, da vertente socialista utópica de Fourier, e provocasse um frenesi de proposituras, assimiladas do original e convertidas em respostas aos problemas oriundos de uma sociedade escravista e rural, dominada integralmente pelos proprietários de terras, mas, que, na sua aplicabilidade nem sempre estiveram apropriadas àquela realidade social e política.

O Brasil de 1840 ainda continuava muito próximo do universo colonial. Apesar da Independência em 1822, pouco se fez pela modernização do Estado e das relações entre as diversas camadas da população, as quais compunham um espectro social bem definido nas suas partes constituintes. Senhores e escravos, homens livres e pobres, comerciantes, libertos, religiosos, profissionais liberais tais como advogados, professores, artífices, outros de menor qualificação conviviam nas cidades e povoados não sem conflitos, submetidos quase sempre à força de mando de algum poderoso local e das intempéries de uma economia voltada aos interesses da elite e de seus agregados.

Gonçalves (2004) afirma que “Nas primeiras décadas do século XIX, no Nordeste do Brasil, a experiência cosmopolita era diminuta e o ambiente intelectual estava marcado por uma pobreza provinciana”. Nesse panorama agravado pela penúria da maior parte da população, de quase completa ausência de estabelecimentos de ensino, com predomínio de escolas religiosas, quando essas existiam, da proibição do acesso e da leitura aos livros estrangeiros já que no Brasil não se publicava nenhum, a circulação de ideias não se adiantou enquanto os portos não foram abertos aos estrangeiros. Portanto, a vinda da família real franqueou, mesmo com rígida censura, a divulgação do pensamento iluminista com grande adesão entre os que desejavam um pouco mais de cultura e de melhorar as condições políticas e produtivas no Brasil:

A desigual e descontínua circulação de ideias, alargada, pouco a pouco, a partir de 1808, encontra eco junto a um público reduzido e dispar: comerciantes das casas

importadoras, estudantes de liceus, preparatorianos e dos cursos jurídicos, professores, empregados da função pública, militares, livreiros, tipógrafos, literatos, livre-pensadores, membros de irmandades secretas, padres, entre outros. (GONÇALVES, 2004, p. 2).

Proibidas de circular livremente, as ideias libertadoras as quais a burguesia usou como armas contra o Antigo Regime demoraram a adentrar no território brasileiro. Criou-se nesse ínterim um pensamento meio amalgamado à tradição absolutista portuguesa, preso aos receios de muita liberdade, ao medo de um levante popular que consolidasse o perigo do poder exercido pelo povo, esconjurando-se a experiência revolucionária francesa, tão radical contra a monarquia e contra a ordem estabelecida. (PERIOTTO, 2001; 2004).

Entretanto essas ideias chegaram ao Brasil, ainda que tardiamente em comparação com a Europa e Estados Unidos, e lutaram duro combate contra o persistente modo colonial, no qual toda e qualquer atividade que encaminhasse os brasileiros à compreensão de um mundo liberto dos temores portugueses às iniciativas progressistas logo era abortada. Antonia F P de Almeida Wrigth (1978), ao analisar as chances de uma revolução à francesa nas colônias conclui que:

Desencadeado pela Idade da Razão, o impulso do comportamento de recusa ao Velho Regime não se circunscreveu à França, à Europa e nem mesmo à América ilustrada. Nem era ele tão-somente apanágio dos que liam. Era constatação dos que sentiam, falavam e ouviam, vivendo a condição colonial quando ela não mais se ajustava aos seus interesses. Constatação de simples bom senso. Sem dramas e sem alarde: apenas realidade que não implicava necessariamente em desejo de revolução à francesa por parte das áreas coloniais. (WRIGTH, 1978, p. 17).

Esse novo modo de pensar, de entender o mundo pela perspectiva da liberdade individual, se não foi o responsável direto pelos conflitos e sedições que tumultuaram o território brasileiro até finalizarem-se com a Rebelião Praieira, atuou como um “fermento” na opinião de diversos historiadores, dando consequência teórica a um embate há muito desenhado no interior dos

interesses diversos dos senhores locais. A presença francesa causava controvérsias entre os pernambucanos enervados com os privilégios e o monopólio francês na atividade do comércio, entretanto, eram aos franceses que queriam copiar os modos e a etiqueta social, também foram a eles que recorreram no momento de construir a retórica necessária ao enfrentamento contra a dominação portuguesa, enfim, eram os formuladores das ideias que foram absorvidas ao longo do processo de construção nacional. (PERIOTTO, 2001).

Quando Vauthier aportou em Recife o panorama brasileiro pouco havia mudado em relação ao tempo colonial, permanecendo latentes os conflitos político-sociais, as disputas partidárias entre liberais e conservadores e entre mandos locais, embora já apresentasse consideráveis alterações na vida privada, como anotou Koster (1942), nas impressões colhidas a partir de 1809, ano de sua chegada ao Brasil:

Famílias de igual posição, importância e riqueza, têm maneiras inteiramente diversas. O fato é que a sociedade sofreu uma transformação rápida. Não que o povo imitasse os hábitos europeus embora esses tivessem influência, mas à proporção que a prosperidade aumenta, maior luxo é exigido; quando a educação se aperfeiçoa, os divertimentos são mais polidos e altos, e, alargando-se o espírito, pelas leituras, muitos costumes tomam forma diversa. (KOSTER, 1942, p. 56).

Vauthier teve o privilégio de participar na condição de fonte intelectual, mesmo que não tão diretamente, do último grande levante político brasileiro no século XIX, a Praieira, que coroou o encarniçado conflito entre os partidos opositores na província pernambucana e, promoveu, ao seu fim, as condições para a conciliação política que seria concretizada já no início dos 1850 entre liberais e conservadores.

As ideias que trouxe da França e ajudou a espalhar entre indivíduos vinculados a propósitos claramente políticos, mas subsumidos aos interesses econômicos e encadeados às visões de mundo opostas a grande parte da elite, contribuíram para estimular o movimento, atuando como um dos substratos teóricos de uma luta desenhada ao longo de um tempo exigente de modernidade. Entretanto, o socialismo utópico trazido por Vauthier, na opinião de Chacon (1965),

era conhecido no Brasil e foi difundido por jovens estudantes que, ao regressarem da Europa, vinham conhecedores daquela corrente político-social que naquela época já era socialista. Alerta o pesquisador que “Não se deve exagerar a extraordinária influência de Louis Léger Vauthier nas ideias socialistas de 48 em Pernambuco [...] Aquela influência foi mais na Arquitetura e Engenharia, que política.” (CHACON, 1965, p. 96).

Os jornais e revistas do período comprovam, contudo, que se o alcance da influência exercida por Vauthier não foi demasiada ainda assim fez adeptos entre os intelectuais, inclusive aqueles formados nas imposições de uma vida sem recursos, como é o caso de Antonio Pedro de Figueiredo, um autodidata considerado brilhante pelos historiadores, desejoso de condições que elevassem o Brasil a uma situação de efetivo progresso por meio da instalação de um quadro político mais propenso à realização de reformas gerais na sociedade.

Na revista *O Progresso*, fundada em 1846 por Antonio Pedro Figueiredo e amigos, entre eles o colaborador Vauthier, o debate sobre as reformas desejadas ora apareciam embasadas no socialismo utópico, ora exprimiam um amálgama de ideias situadas entre o receituário liberal e o socialista, buscando-se fixar naqueles pontos que poderiam resultar em soluções para os problemas brasileiros. Muitos estudiosos tendem a ver uma irrepreensível tendência socialista em Figueiredo acentuada pela convivência com Vauthier e há quem assegure que as ideias difundidas por um e apreendidas pelo outro deram sustentação ao último grande combate sangrento entre liberais e conservadores, a Rebelião Praieira, no que Quintas (1967) denominou a “geração quarantehuitard brasileira”.

Entretanto, é possível afirmar que o expoente teórico da luta entre liberais e conservadores não foi o socialismo utópico trazido por Vauthier, e sim a necessidade de um pensamento atinado às reformas sociais capazes de impor uma relação de harmonia entre os indivíduos, fundamental para o projeto de inserção efetiva do capitalismo mundial no Brasil. A revista *O Progresso*, articulada por Figueiredo com apoio total do francês engenheiro, entendeu essa questão e buscou dar efeito à tarefa de ordenar ideias que levassem ao aburguesamento em definitivo da sociedade brasileira. A contribuição no plano das ideias libertárias que se pode tributar a Vauthier talvez

tenha seu maior momento no conteúdo exposto na revista de Figueiredo, muito em razão do influxo que exerceu junto ao redator, cuja opção era a reforma no lugar da revolução e de uma organização social ordeira e pacífica como condição básica à modernização.

Evidenciam-se as diferenças existentes na compreensão do socialismo utópico de Vauthier e o apreendido pelos brasileiros. O engenheiro francês provavelmente estivesse mesmo impregnado pelo socialismo que a França produzia e ensinava, mantendo a tradição de ser um manancial de ideias revolucionárias, contestadoras da ordem, as quais o Brasil tanto queria igualar-se, como bem observou Chacon:

Por conseguinte, a França era festejada por reacionários e progressistas, como matriz intelectual donde importavam as ideias que convinham a cada grupo, embora por motivos diferentes [...] Pode-se até dizer que se tratava quase de um monopólio intelectual. (CHACON, 1965, p. 16).

Essas diferenças são explicadas pelo grau de desenvolvimento francês e aquele que praticamente não existia no Brasil, portanto, as razões estavam dadas historicamente. Lá, as condições da classe trabalhadora eram outras, já que a elaboração de um pensamento oposto ao burguês saía das próprias entranhas das contradições capitalistas, em suma, a sociedade burguesa havia criado os meios teóricos, porquanto fundados na prática social de então, para o completo desnudamento da sua dinâmica, e apontando a possibilidade da sua própria superação enquanto sociedade dominante. Dessa feita, o cerne das ideias que pôs a circular na província era próprio a uma sociedade desenvolvida, industrializada, automatizada na forma de produzir mercadorias, e que se encontrava em profunda crise social oriunda da exploração do trabalho e da apropriação da riqueza pela burguesia.

No Brasil, já independente, as relações sociais ainda repetiam os velhos laços coloniais, sem trabalho livre como forma dominante de produção da riqueza, sem mercado interno, com um Estado enfraquecido pelas dissensões político-partidárias, avessas às modernizações que poderiam arrefecer os privilégios dos proprietários de terras. A ideia vigente era a da vocação

agrícola e, como tal, pressupor reformas progressistas afigurava-se trabalho infundo por parte de seus defensores e sem grande possibilidade de sucesso.

Vauthier iria colaborar com essa proposição, ou aspiração, publicando na revista de Figueiredo artigos que mostravam as oportunidades de progresso material provenientes da aplicação das invenções mecânicas como os “*caminhos de ferro*”, melhoramentos que levariam a um menor dispêndio de trabalho e diminuiriam o tempo que os homens gastariam para tomar contato entre si, aumentando, certamente, as condições necessárias ao progresso sem as dificuldades e a demora do passado. No artigo específico à instalação de ferrovias procura fazer a junção entre o progresso material e a formação moral dos homens:

Mas o que desejamos que fique profundamente gravado, no espírito daqueles que com os próprios olhos ainda não viram os admiráveis efeitos da locomoção rápida, é a atividade material e moral que dela resulta para o homem, é a influência profunda que ela exerce sobre os hábitos, sobre os costumes, sobre os fatos de todas as ordens, na esfera da sociabilidade. O caminho de ferro é um poderoso órgão de harmonia e de acordo pacífico entre as nações; essa tarefa antigamente reservada à guerra de colocar em presença um do outro povos e raças de costumes e de espírito diferentes, e de fazer sair de semelhante choque elementos de progresso, esta tarefa, dizemos nós, foi o caminho de ferro que a viu em nossos dias. (O Progresso, Tomo I, p. 109-122).

O estado material do Brasil não comportava a utilização da maquinaria como a em funcionamento na Europa. Tampouco se pretendia instalá-la na medida em que a manufatura existente não passava de bobagens poucas, tão escassa que nem chegava a alterar o comércio dos manufaturados ingleses e franceses, além do que, quando instalada, valia-se de técnicos estrangeiros por falta de braços nacionais especializados. Onde imperava o trabalho escravo impossível se tornava a existência de uma classe de indivíduos preparados para formas avançadas de trabalho, portanto, as poucas manufaturas existentes importavam trabalhadores tecnicamente apropriados aos seus fazeres, ao contrário de

produzi-los ela mesma, fato que denota um hiato entre as ideias defendidas por Vauthier e as condições reais da produção econômica no Brasil.

O estado social, por sua vez, era consequência da pobreza material potencializada pela concentração de terras nas mãos dos senhores, por uma população ociosa por falta de trabalho, majoritariamente realizado pelos escravos e causado por uma forma de produção e distribuição da riqueza que negava ao homem livre meios de subsistência adquiridos pelo seu próprio esforço. Por sua vez, a administração pública se notabilizava em ser depositária dos interesses privados e em nome deles ser dirigida, servindo de meio de subsistência a uma quantidade infindável de protegidos dos senhores, que os empregavam na salvaguarda do poder local que exerciam.

Vauthier traçou um retrato desalentador dessas condições, uma visão típica de estrangeiros perplexos com as contradições existentes entre a grande riqueza natural e a miséria, também naturalizada, dos habitantes da província. Nos passeios exploratórios que fazia aos arredores de Recife pode, em inúmeras ocasiões, constatar o modo de viver dos pernambucanos e as condições de extrema penúria a qual estavam submetidos e pareciam acostumados:

As casas que surgem frequentemente à beira da estrada, de aparência mais limpa que as de nossas aldeias – brancas por fora e cobertas de telha – se transformam pouco a pouco e por fim são apenas postes de madeira não falquejada, com ou sem enchimento de barro e cobertas de uma espécie de colmo que parece ser capim seco. Algumas têm teto de folhas de coqueiro. A população da beira da estrada parece tão indolente quanto à da cidade e igualmente fútil.

Toda essa população ia passar assim o dia, em vaga contemplação vegetativa, recolhendo-se à sombra para deixar abrandar o sol e voltando à porta, logo que ele desaparecesse. É assim a vida dessas criaturas que se vestem e se nutrem de ar, cobrem-se de um pouco de tecido branco e comem apenas alguns punhados de farinha de mandioca. Mesmo assim, apesar da simplicidade de vida, sua preguiça e imprevidência são tais que o problema de sua existência

parece insolúvel. (VAUTHIER, 1940, p. 50-51).

Quanto ao estado cultural e da educação a situação não era diferente. Se a pobreza material de um povo impõe a pobreza intelectual, no quadro das relações imediatas entre os indivíduos que formavam a população recifense, Vauthier iria se deparar com um desejo evidente de civilização, mas, ao mesmo tempo, com condições ainda bárbaras para obtê-la, já que a própria classe dominante era signatária daquela forma de agir e expressava, a seu modo, a mesma pobreza cultural, como no acontecimento relatado ao próprio pela Senhora S, membro da elite local:

Voltando da ponte, fui buscar os frascos. Mme. S. nos contou que sua negrinha lhe roubou seis vinténs e ela amarrou-lhe as mãos e espancou-a ela própria a chicote !!! Levantando-lhe a roupa !!! Sem nenhum constrangimento!!! Diante dos filhos !!! O mais velho deles observou que o posterior da negrinha não era mais bonito que o de um cavalo, quando levanta a cauda. Poder-se-ia praticar coisas semelhantes, em um momento de excitação e envergonhar-se delas, mas confessá-lo... Que mulher ! que alma ! (VAUTHIER, 1940, p. 81).

No *Diário* de Vauthier são inúmeros os registros sobre a falta de modos da população, inclusive entre os estrangeiros melhores aquinhoados, da indolência que via latente entre os pobres, a descortesia, a falta de humanidade pela sorte dos escravos, enfim, era obrigado a admitir, em razão do que presenciava que longa seria a entrada do Brasil num quadro de progresso social mais “aceitável”. Num de passeios habituais presenciou um episódio que corroborou a impressão negativa sobre os brasileiros, propensos demais, a seu ver, a praticar desumanidades e tratar como absolutamente natural os assuntos relativos à escravaria:

Hoje um cadáver de negro ficou boiando na praia, sob nossas sacadas, impelido para diante e para trás, pelas oscilações das marés. Passaram mil pessoas, que o viram, pararam um instante, depois continuaram seu caminho muito filosoficamente. Partilho pouco das idéias geralmente aceitas sobre cadáveres, as quais tenderiam, em certos casos, a

conceder mais cuidados aos despojos inertes do que ao próprio ser vivo. – Mas esse descuido, essa indiferença geral em presença da morte... É verdade que era um negro! Se um negro em vida é pouca coisa, que será um negro morto? Essa incúria geral em relação a todas as exalações que emanam de um cadáver – tudo isso caracteriza de modo bem preciso essa barbaria, acrescida de selvageria, e mal disfarçada sob o verniz da civilização. (VAUTHIER, 1940, p. 50-51).

Essas impressões negativas e crivadas algumas de absoluto espanto, não ficaram restritas à Vauthier. Conde de Suzannet, um seu conterrâneo, membro da nobreza francesa, que percorreu o interior do Brasil e algumas capitais de província entre 1842 a meados de 1843, fez as mesmas observações a respeito do modo de vida dos brasileiros, das condições materiais em que viviam e em especial do comportamento dos senhores em relação aos escravos. O fato relatado ocorreu na província pernambucana e, conforme lhe confidenciaram, era de repetição corriqueira:

As enchentes anuais dos dois rios, o Beberibe e o Capibaribe (Capivari), tornam Pernambuco muito insalubre. Depois a estação das chuvas as águas acumuladas não encontram escoamento; invadem as casas e a evaporação causa febres que aos estrangeiros é difícil evitar.

Dizem que os costumes são mais severos em Pernambuco que na Bahia [...] as brasileiras saem ao romper do dia para ir à missa; uma vez de volta à casa não são mais vistas.

Ouvi contar casos de revoltante desumanidade. Homens que vendiam as escravas das quais tinham abusado e que ficavam grávidas; outros vendiam as mães e ficavam com a criança. Estes abusos que deveriam ser repudiados pela opinião pública são, em vez disso, aprovados por todos. Nunca ouvi um brasileiro culpar um fazendeiro pelos seus abusos de poder. Parece que a esta população falta senso moral. (SUZANNET, 1954, p.203- 204).

Se o quadro geral das relações vigentes no Brasil à época era incompreensível a esses dois

franceses, as causas delas não deveriam ser procuradas somente na maneira de agir e pensar dos indivíduos, de modo geral, que compunham a sociedade brasileira. As causas da incivilidade que dominava o território brasileiro deveriam ser creditadas também aos portugueses, assentados na ideia de que a colônia era um entreposto e um meio de enriquecimento lusitano, conjugada com a ausência de uma política de melhorias, da desumanidade no relacionamento do senhor com seus escravos, da influência dos modos rudes da escravidão no âmbito das relações domésticas, enfim, de uma multiplicidade de motivos que não permitem ensinar um panorama muito mais pródigo que o visto por Vauthier e Suzannet.

Paralelo a essas causas, a escravidão, certamente o ponto crítico daquelas condições, era estorvo na criação de postos de trabalhos para os homens livres e brancos, habituados, por força do hábito e da tradição, a considerar o trabalho coisa de escravo, a ponto tal de muitos homens brancos se sentirem desqualificados socialmente por exercê-lo quando obrigados. Sobre o distanciamento mantido pela maior parte dos brasileiros com o trabalho Vauthier, perplexo, reproduz um fato caracterizado como a mais pura indolência entre a população pobre de Recife, mas que ressalta a necessidade de que era preciso educar os brasileiros para adotarem o trabalho produtor de riqueza como tarefa corriqueira e fundamental ao provimento da vida:

Eram apenas 6 horas quando saímos e já fazia dia claro. Toda a população masculina estava, pois, de pé, as mulheres, negras e mulatas, já instaladas à porta de seus mocambos, olhando vagamente a rua, mostrando o colo e os seios até meio caminho da cintura. Crianças de toda a idade e sexo; as meninas, sobretudo, emolduravam agradavelmente a figura das mães. Toda essa população ia passar assim o dia, em vaga contemplação meditativa, recolhendo-se à sombra para deixar abrandar o sol e voltando à porta, logo que ele desaparecesse. É assim a vida dessas criaturas que se vestem e se nutrem de ar, cobrem-se de um pouco de tecido branco e comem apenas alguns punhados de farinha de mandioca. Mesmo assim, apesar da simplicidade de vida, sua preguiça e imprevidência são tais que o problema de sua existência parece insolúvel [...].

A população da beira da estrada parece tão indolente quanto à da cidade e igualmente fútil. De que viverá essa gente – o que ignoro – pois, por menos que coma, ainda assim é preciso tirar esse pouco da terra, colhê-los sem cultivo ou ganhar dinheiro para comprá-lo. (VAUTHIER, 1940, p.50-51, p.75).

Vauthier, nos anos vividos em Recife, nem sempre foi bem acolhido, inclusive sentia-se em perigo, ameaçado em diversas ocasiões por aqueles que se viam preteridos desde a sua chegada, quando passou a ocupar a posição e desempenhar atribuições antes destinadas aos velhos construtores da capital provincial. Por seu lado, as impressões que amadurecia a cada experiência vivida não guardavam benevolência para com os brasileiros. Ao contrário, as dificuldades que enfrentava na realização das obras contratadas, as escaramuças habituais que mantinha com os engenheiros estrangeiros que o acompanhavam, com os funcionários da administração provincial, o calor, a saudade da França e familiares, a ignorância que enfrentava cotidianamente, os sobressaltos quanto a sua segurança, a sensação de que estava perdendo bons anos de sua vida num lugar em que nada parecia avançar, tornou-o um cético em relação à implantação de mudanças estruturais profundas que poderiam tornar o Brasil mais suscetível a adoção de relações sociais progressistas.

A leitura do *Diário* realmente conduz o pesquisador a se defrontar com um Brasil precário, ainda indeciso quanto ao rumo a seguir. A herança deixada pelos portugueses no âmbito da administração pública e na forma de governar não resultara em bons exemplos a jovem nação. Os vícios persistiam, pois que as velhas práticas de proteção dos interesses pessoais estavam amalgamadas no indivíduo, mas não eram privilégios exclusivos da elite. Os homens não afortunados socialmente também os reproduziam, porém com as limitações próprias da sua classe.

O fato de Vauthier invariavelmente ter sido cáustico com os provinciais não anula a importância da sua influência nos eventos políticos pernambucanos nos anos 40 do século XIX. Como já se disse anteriormente, o engenheiro não participou pessoalmente do processo, mas contribuiu para engrossar o caldo das dissensões quando estimulou o debate sobre o imperativo de relações moldadas no e pelo

progresso e de uma solução amparada em reformas políticas e sociais, inclusive com a fixação de uma nova moral, exatamente nos moldes defendidos na revista *O Progresso*.

A concepção de progresso que emerge da revista, muito em função do “influxo” exercido por Vauthier sobre Figueiredo, o aproxima de uma nova moral que deveria emanar das relações sociais e, que, no Brasil, significava instruir para a compreensão de que o progresso material era correlato à ordem no âmbito das relações sociais. Esta ideia presumia o fim das disputas partidárias, intermináveis, de cunho muito mais pessoal que político, servindo somente para obstar a marcha do progresso em solo brasileiro. Em suma, finda as sedições e revoltas o trabalho surgiria como regenerador da humanidade, tendo a ordem e a disciplina como meios de desenvolvimento social. Esse era o propósito da revista, inteiramente construído e corroborado pelo engenheiro francês.

A presença de Vauthier requer estudos mais aprofundados inclusive na área de história da educação. Embora esse tema não estivesse claramente exposto no *Diário*, ela é intrínseca à visão de mundo predominante nos centros desenvolvidos e que contou no Brasil com propositores de medidas reformistas que visavam abrir portas em definitivo ao capitalismo e consolidar a nascente burguesia nacional. Vauthier encontrou aliados ao difundir e por em circulação ideias que supunha capazes de enfrentar o atraso das relações sociais brasileiras, devidamente explicitadas na revista de Figueiredo, ela própria uma cartilha dedicada ao progresso social e a modernização do Brasil.

## Referências

AQUINO, Aécio Villar de. **Nordeste, Século XIX**. João Pessoa: Editora Universitária UFPb, 1980.

CHACON, Vamirech. **História das Idéias Socialistas no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

FREYRE, Gilberto. **Um engenheiro francês no Brasil**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1940. (Coleção Documentos Brasileiros, 26).

GONÇALVES, Adelaide. As comunidades utópicas e os primórdios do socialismo no Brasil. **E-topia: Revista Eletrônica de Estudos sobre a Utopia**, n.º2, (2004). <http://www.lettras.up.pt/upi/utopiasportuguesas/e-topia/revista.htm>

KOSTER, Henry. **Viagens ao Nordeste do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942. (Brasilianas, vol 221)

PERIOTTO, Marcilia R. **A Espiral do Progresso e a Felicidade da Nação: a instrução do povo para o advento do trabalho livre no Brasil de 1840 a 1850**. Doutorado. Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas. 2001.

\_\_\_\_\_. **O papel da imprensa no processo de construção da nação: a “vocação pedagógica” do Correio Braziliense**. REVISTA HISTEDBR On-line. UNICAMP. Campinas, n. 16, p. 61-83, dez. 2004.

QUINTAS, Amaro. **O Sentido Social da Revolução Praieira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

SUZANNET, Conde de. **O Brasil em 1845** (Semelhanças e Diferenças Após um Século). Trad. Márcia Moura e Castro. Rio de Janeiro: Livraria-Editora Casa do Estudante, 1954.

VAUTHIER, Louis Léger. **Diário íntimo do engenheiro Vauthier** (1840-1846). Gilberto FREYRE. (Org.) Rio de Janeiro: MES; SPHAN, 1940. (n. 4)

WRIGTH, Antonia F P de Almeida. **Desafio Americano à Preponderância Britânica no Brasil (1808-1850)**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.

## PERIÓDICO

*O PROGRESSO* – revista social, literária e científica. Org. Amaro Quintas. Recife: Imprensa Oficial, 1950.

Recebido: 5/2/2012

Aceito: 27/02/2012

---

**Endereço para Correspondência:** Universidade Estadual de Maringá – Departamento de Fundamentos da Educação – Av. Colombo, 5790 – Bloco I-12 – Sala 10 – CEP: 87020-900 – Maringá-PR  
**E-mail:** marciliaperiotto@yahoo.com.br